



**A mediação do conflito: uma análise de *Martírio* (2016, Vincent Carelli)<sup>1</sup>**

**The mediatization of the conflict: an analysis of *Martírio* (2016, Vincent Carelli)**

Carlos Eduardo da Silva Ribeiro<sup>2</sup>

**Resumo:** Como se constitui no documentário *Martírio* (Vincent Carelli et al., 2016) uma forma presentificar nas mídias o conflito por terras entre Guarani Kaiowá e fazendeiros no Mato Grosso do Sul, e como o filme se insere em uma disputa com outros discursos em mídias diversas como Facebook, Youtube e televisão, ou seja, em um *circuito* (Braga, 2017)? *Martírio* é parte da ONG *Vídeo nas Aldeias*, fundada pelo também por Vincent Carelli. O *Vídeo nas Aldeias* é uma das primeiras aproximações entre povos tradicionais e audiovisual no Brasil, compondo a crescente integração indígena na *cultura dos meios* e na *ambiência midiática*. Nosso interesse, não limitado à forma com que o filme organiza no seu interior os diferentes discursos sobre o conflito, é também em como o filme participa de um conflito já midiático.

**Palavras-chave:** Conflito; Cinema Brasileiro; Guarani Kaiowá.

**Abstract:** How does the documentary *Martírio* (Vincent Carelli et al., 2016) constitutes a way of presentification of the conflict over land between Guarani Kaiowá and farmers in Mato Grosso do Sul in the media, and how the film takes part in a dispute with other discourses in different media such as Facebook, Youtube and television? *Martírio* is part of the NGO *Vídeo nas Aldeias*, founded by Vincent Carelli. *Vídeo nas Aldeias* is one of

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: <dudaribeirodudaribeiro@gmail.com >.



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

the first approaches between traditional and audiovisual peoples in Brazil, composing the growing indigenous integration in the media culture and in the media environment. Our interest, not limited to the way in which the film organizes the different discourses about the conflict within, is also in how the film participates in an already mediatic conflict.

**Keywords:** Conflict; Brazilian Cinema; Guarani Kaiowá.

### Introdução

O artigo desenvolve parte do meu projeto de doutorado em andamento, cujo problema de pesquisa é: como se constitui em/no entorno de *Martírio* (Vincent Carelli et al., 2016) uma forma de realizar documentário militante<sup>3</sup> no Brasil contemporâneo? *Martírio* é um longa-metragem de mais de duas horas de duração, parte do projeto *Vídeo nas Aldeias*, fundado por Vincent Carelli. Hoje uma ONG, o *Vídeo nas Aldeias* surgiu na década de 1980 como uma escola de cinema para indígenas. Conta com dezenas de produções, utilizando a *web* e os meios de circulação de cinema (festivais e mostras) como principais ambientes de projeção. Problematizamos no presente artigo mais especificamente, como o título dá a ver, a forma com que o longa-metragem *Martírio* busca reinscrever na cultura dos meios os conflitos entre o povo Guarani Kaiowá e ruralistas no Estado do Mato Grosso do Sul, conflito tema central do documentário.

Torna-se interessante da perspectiva dos estudos em midiatização a expansão da visibilidade e participação midiática indígena, ou seja, sua crescente integração na *cultura dos meios* e na *ambiência midiática*, processo facilitado pelas ações do *Vídeo nas Aldeias*. Essa presença antecede as ações da ONG, de forma que, se fosse a presença e interações indígenas nas mídias o nosso objeto de análise, seria mais útil, talvez, remetermos a um produto cultural dirigido por esses próprios grupos, não por um antropólogo. O filme de

---

<sup>3</sup> Definimos filme *militante* de forma mais ou menos convergente com Jean Louis Comolli, especificamente no seu texto *O espelho de duas faces* (COMOLLI, 2015), onde o teórico francês propõe que o filme militante é aquele que instrumentaliza o cinema para fins políticos. De forma mais ou menos convergente, André Brasil salientou em 2016 como *Martírio*, em sua busca por “intervir e contribuir efetivamente para a causa a que se dedica”, levou “o cinema a sair de si mesmo, a lançar-se (...) em uma tarefa não cinematográfica, ou, ao menos, não primeiramente cinematográfica” (BRASIL, 2016).



## Anais de Artigos

# IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

que tratamos reúne imagens gravadas pelo diretor Vincent Carelli desde sua imersão com os Guarani Kaiowá na década de 1980. A narrativa construída ajuda a compreender não só o conflito desse povo tradicional com os ruralistas que reivindicam a posse de suas terras, mas a difusão midiática desse conflito nos últimos anos. *Martírio* é um longa-metragem denso, com mais de duas horas de duração, não sintetizável em uma apresentação desse tamanho. O trabalho apresenta a análise de uma das sequências do filme, localizada aproximadamente entre os 55 e 75 minutos do filme.

Nos deteremos, além da análise do referido trecho do texto fílmico, também em como o filme participa de um conflito já midiatizado, referindo a conteúdos midiáticos prévios e sendo, direta ou indiretamente, respondido por outros. O conceito de circuito (Braga, 2017), melhor explicado no desenvolvimento do trabalho, refere-se, de forma sumária, a um conjunto de textos, recepções e interações que circulam, atualizam e referem a sentidos no entorno de um texto ou tema midiático. A noção converge em certa medida com a intertextualidade (Stam, 2013), que, no que toca especificamente ao campo do cinema, refere-se a um conjunto de assimilações, espelhamentos e transformações implicados entre obras da cultura. A diferença mais notável entre os conceitos é, não sem reducionismo, a de que a intertextualidade aponta para a constituição dos produtos culturais, enquanto o circuito foca nos processos de circulação desses produtos.

Dito isso, Nosso interesse é em como os conflitos pela demarcação de terras dos povos Guarani Kaiowá no Mato Grosso do Sul, configuram-se midiaticamente, tendo em vista que tratam-se, concomitantemente, de um embate jurídico, de reconhecimento, físico e entre cosmovisões. Esse conflito é constituído por e constituinte de um circuito e intertexto no qual sentidos são disputados, e cujos efeitos estão para além dos meros processos de representação na linguagem. Assim, o problema a ser aqui abordado pode ser traduzido da seguinte forma: como o conflito entre ruralistas e Guarani Kaiowá no Mato Grosso do Sul se dá em *Martírio* e, de forma mais ampla, como esse filme se insere em um *circuito* na *ambiência midiática*, essa a qual vem comportando de maneira crescente – embora ainda assimétrica – as vozes indígenas?



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

Para dar conta desse problema, partindo do recorte do texto fílmico como já delimitado, o artigo divide-se nos seguintes tópicos: (I) uma abordagem do conceito de midiatização; (II) a visibilidade da luta indígena a partir de uma carta enviada ao Ministério Público em 2012, e a representação desse acontecimento em *Martírio*; (III) a difusão de um vídeo intitulado “índios assassinos” nas redes sociais, no qual se vê um policial assassinado por um grupo Guarani Kaiowá, e a representação desse acontecimento em *Martírio*; (IV) a distribuição do longa-metragem e o circuito no seu entorno. Os tópicos II e III desenvolvem a análise de uma das sequências do filme entre os 55 e 75 minutos de projeção, abordando nela justamente, como no título desse trabalho, “O conflito entre Guarani Kaiowá e ruralistas em *Martírio*”, ou, mais especificamente, o conflito entre perspectivas sobre o conflito, já que o trecho opera pelo choque entre duas versões da mesma história: uma discussão na TV Senado – representativa da perspectiva dos políticos do lobby ruralista – e uma visita do diretor Vincent Carelli a um acampamento Guarani Kaiowá em Douradinhos/MS, onde ressalta a perspectiva do grupo indígena.

### 1. Midiatização

Para conceituarmos *midiatização*, interessa remeter a Pedro Gilberto Gomes (Gomes, 2016, p. 1) que a aponta como conceito-chave para descrever o presente das mudanças comunicativas que ocorrem na sociedade, ou, mais propriamente, “o processo de expansão dos diferentes meios técnicos” considerando para isso “as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural, desenvolvendo um novo modo de ser no mundo”.

Para Fausto Neto (Neto, 2008, p. 113), o conceito trata da

inscrição de uma ordem tecno-discursiva das lógicas e de operações midiáticas a permear a estrutura social, suas diferentes práticas e interações, e deslocando de modo transversal, para as instâncias societárias, os fluxos e efeitos sócio-técnicos, caracterizados pela cultura e operações midiáticas.



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiação e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

O título do presente artigo – “A mediação do conflito” – não dispensa a possibilidade de leitura de "mediação" como "presença nas mídias” (Martino, 2018, p. 223), ou, de forma mais apropriada, como ato de presentificar o conflito nas mídias, de fazer imagem (Baudrillard, 1991)<sup>4</sup>; diferente da construção conceitual de Pedro Gomes (2016) e/ou Fausto Neto (2008), mas que, não obstante, faz rizoma com elas: o foco aqui está na atualização de um processo social – o conflito territorial – por disputas que se dão através de dispositivos e processos midiáticos. Esse enfoque, como ficará demonstrado no desenvolvimento do texto, leva em conta em grande medida suas mútuas influências com a incorporação dos dispositivos midiáticos nos processos sociais. Em outras palavras, se as discussões no entorno da mediação apresentam-se, em grande medida, como estudos acerca dos impactos e transformações que as mídias causam na sociedade, nas formas de interagir e ser no mundo, o problema aqui abordado, enunciado como “mediação do conflito”, se volta para o conflito nos meios, o que leva em conta as formas propriamente midiáticas de distribuição, circulação e significação de mensagens.

A *assimetria* de forças nos conflitos entre Guarani Kaiowá e ruralistas, intimamente atrelada à assimetria de capitais econômicos e sociais e de alcance de suas vozes – mesmo nas plataformas mais interativas e pretensamente horizontais, como as redes sociais –, apontam para a urgência do estudo da inserção de povos indígenas nessa cultura midiática em expansão; grupo até recentemente “fora” da cultura das mídias ou marginalmente incluído. Nesse processo de mediação, as diferenças e conflitos são atualizados, constituindo-se de forma mútua com os meios. Como outrora salientou

---

<sup>4</sup> Refiro-me aqui a Jean Baudrillard, talvez um dos primeiros teóricos a falar em "mediação", em uma formulação que se mostra parcialmente útil ao aludir a um mundo onde os signos midiáticos mediariam nossa relação com o real, o que converge com o problema aqui construído; de maneira adjunta, importa salientar uma diferença com o pensamento de Baudrillard, precisamente a dificuldade de pensar, em sua teoria, um espaço para a agência individual que não esteja voltada para um esporte esportivo tendente ao passivo (Stam, 2013, p. 334), o que implica em sua redução do político ao simulacro. O problema construído no presente artigo e, mais propriamente, na tese do qual ele é uma parte, buscam compreender como pode o filme, enquanto objeto midiático articulado a outros materiais midiáticos, mensagens e meios, tomar parte em um conflito que é tanto midiático e comunicacional enquanto, antes ou simultaneamente, político, material, epistemológico; formulação que, por si, carrega tensões com a visão proposta por Baudrillard (1991).



## Anais de Artigos

### IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

Pedro Gilberto Gomes acerca de uma lacuna de estudos da midiatização em culturas não-ocidentalizadas:

(...) os estudos sobre midiatização ocuparam-se com as transformações sociais e culturais nas culturas e sociedades ocidentais. Entretanto, o processo de midiatização também se manifesta (torna-se visível) noutras partes do mundo, exibindo diferentes dinâmicas e possuindo outras consequências em diferentes contextos sociais e culturais. (Gomes, 2016, p. 2)

A constatação leva Gomes à seguinte questão (idem.): “Será que a midiatização constitui um processo global de mudança? Em caso afirmativo, pergunta-se onde estão localizadas as desigualdades e as dissemelhanças desse processo?”. O presente trabalho, ao abordar as dinâmicas midiáticas de uma cultura não-ocidental – justamente em seus choques com a lógica e cultura ocidentalizada –, pretende tecer contribuições a essas indagações.

Fomentamos ao longo do trabalho a hipótese de que a visibilidade Guarani Kaiowá nas mídias – tratamos aqui do cinema, mas, evocando o conceito de *circuito* (Braga, 2017), de forma correlata, à televisão, ao Facebook, Youtube, dentre outras plataformas – opera no sentido de complexificar as estratégias, imagens e disputas discursivas em curso nessa ambiência (Neto, 2018, p. 78). Essa abordagem, focada no conflito, tensiona de partida a ideia do francês Teilhard de Chardin (*apud* Gomes, 2016, p. 4-6) – autor que influenciou significativamente o pensamento do canadense Marshall McLuhan – de que uma consequência das tecnologias de comunicação seria fomentar uma “unidade” ou a “visão comum” humana. Preferimos considerar as mídias um ambiente de diversidade e, no caso aqui analisado, também de disputa, conservando certa proximidade com o conceito de *campo* em Bourdieu (2007)<sup>5</sup>. Em nossa hipótese, ao passo em que a ambiência midiática se expande e inclui esses outros corpos e narrativas,

---

<sup>5</sup> Aproximação já feita por Braga (2017, p. 54-60), dentre outros. A partir da nossa leitura de Braga, interessa ressaltar que o *campo* e suas disputas, quando aproximados dos circuitos midiáticos, não devem ser vistos necessariamente como espaços de ações *habituais*, mas também performáticas, visto que a midiatização trata de um espaço de atravessamento de campos, em processo de consolidação, que suscita a invenção de formas e interações, a experimentação social, etc.



constitui-se também, não sem contradição, um ambiente de conflito, desigualdade e diferenciação.

## **2. A luta Guarani Kaiowá nas mídias**

A luta dos Guarani Kaiowá pela retomada dos territórios de onde foram expulsos durante o segundo governo de Getúlio Vargas começou na década de 1980, mesma em que Vincent Carelli se aproximou desse povo. Também foi na década de 1980 que, conforme Verón (2004, p. 278), houve a expansão dos estudos sobre midiatização e a adaptação das instituições democráticas às mídias, que passaram a ser intermediárias incontornáveis da gestão do social. *Martírio*, através da incorporação de sucessivas reportagens telejornalísticas, narra como, durante essas décadas de luta pela demarcação de seus territórios, os Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul sofreram violências e ameaças da parte de pistoleiros contratados por fazendeiros. Sabemos que os indígenas dirigiram ao menos duas cartas ao Ministério Público Federal e às mídias.

Na segunda e mais célebre delas, de outubro de 2012 (Cimi, 2012), a comunidade respondeu a uma ordem de despejo por parte da Justiça Federal de Naviraí/MS. Afirmaram a intenção de continuar na terra onde viveram e foram enterrados seus antepassados – área então entendida pela justiça como propriedade particular de uma fazenda –, notadamente às margens do rio Hovy no município de Iguatemi/MS, e pediram que, ao invés de despejados, fossem mortos e ali mesmo enterrados. Devido à desigualdade de forças no conflito entre, de um lado, famílias Guarani Kaiowa e, de outro, milícias – formadas por seguranças particulares, fazendeiros e policiais fora de serviço –, a declaração formal do grupo indígena, divulgada no Brasil e no exterior, foi interpretada midiaticamente como anúncio de suicídio coletivo, despertando comoção social no próprio Ministério Público<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> O caso foi precedido em alguns meses pelo assassinato à queima-roupa do Cacique Nísio Gomes, liderança Kaiowá no acampamento de Guaiviry em Aral Moreira/MS. O Ministério Público Federal (MPF) denunciou 19 pessoas pela morte de Nísio e o caso ganhou notoriedade midiática no Brasil e no exterior.



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

A partir do acirramento do conflito naquele ano e da visibilidade do mesmo na mídia, Vincent Carelli retomou as filmagens de *Martírio*. Em certa cena do documentário, gravada também em 2012, assistimos a uma visita do diretor aos moradores de Pyelito Kue. Os indígenas relatam consecutivas violências dos pistoleiros contratados pelos fazendeiros: braços quebrados, tiros e a morte de vários “companheiros de luta”, como diz um dos entrevistados. Assistimos ao documentarista salientar, na conversa, a relevância da presença daqueles casos na mídia: “É importante que as imagens, a fala de vocês, cheguem nas cidades. Quando a coisa apertou que vocês escreveram aquela carta, milhares de brasileiros escutaram. Nunca tinham ouvido falar em Kaiowá. E isso sensibilizou”.

Em manifestação de solidariedade a essa luta, milhares de internautas colocaram “Guarani Kaiowá” nos seus sobrenomes no Facebook naquele ano, borrando discursivamente através desse gesto a diferença entre si e os indígenas. O episódio pode nos remeter ao teórico jamaicano-britânico Stuart Hall (2014, p. 103-4), que apontou a importância da fabricação e contestação de identidades para as disputas políticas. Aqueles usuários do Facebook que colocaram “Guarani Kaiowá” em seus sobrenomes construíram uma identificação entre si e os indígenas; tirando-os da “particularidade” e da invisibilidade, mirando um reconhecimento da luta desse povo tradicional. A partir da pressão pública e midiática engendrada pelos Kaiowá e internautas através dessa e de outras ações, o Ministério Público Federal reconheceu o direito indígena ao território de Pyelito Kue; o que aponta para a importância da lógica das mídias na sociedade dos meios.

De maneira adjunta, o contexto de visibilidade suscitado em 2012 possibilitou o sucesso de um financiamento coletivo pela plataforma Catarse, criado pelo diretor, para a finalização do documentário. À época, mais de mil colaboradores levantaram um valor total de R\$85.000,00 que complementou o orçamento do Funcultura do Estado de Pernambuco e da Embaixada da Noruega. O fio entre a carta midiática dos Kaiowa, as matérias jornalísticas no seu entorno e a ação dos usuários de Facebook pode ser compreendido como um “ciberacontecimento” (Henn, 2013), tramado na fronteira porosa





# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

entre o privado e o público; entre o perfil pessoal desses usuários das redes sociais – junto da problemática pretensamente “privada” dos Guarani Kaiowá – com uma luta que concerne à sociedade civil, se alastra pelos meios comunicacionais e concerne ao Estado, ou seja, à esfera pública. Esses acontecimentos e agenciamentos – as cartas, a sensibilização no Facebook, as filmagens, as doações, a reverberação na mídia nacional e internacional – demonstram como o conflito não se limita a e nem parte da sua representação no documentário; mas que o documentário tece-se a essa série de outros textos, ações e discursos que são transmidiáticos, que se referem à construção de um circuito de afecções, mas que, mais do que isso, afetam campos não primeiramente midiáticos.

### 2. O vídeo “Índios assassinos”

Logo após a visita do diretor ao povo de Pyelito Kue no documentário, quando os indígenas narram uma sequência de violências sofridas, a cena que se segue remete, por contraste, à perspectiva do agronegócio sobre a violência no campo no estado do Mato Grosso do Sul. Vemos imagens de arquivo da TV Senado do ano de 2013 – um ano após os acontecimentos anteriormente descritos –, quando o então governador do Mato Grosso do Sul, André Puccinelli (PMDB-MS), pede a palavra em uma sessão da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária. Em discurso inflamado o político queixa-se das Ong’s, do Cimi – “um braço fascista da igreja católica”, diz –, da Funai – a qual extinguiria caso fosse Presidente da República, já que “lá no Estado do Mato Grosso do Sul quem trata dos indígenas é o governo do Estado do Mato Grosso do Sul” –, e dos índios, com ênfase para os Guarani Kaiowá. Em detrimento de todos estes, defende o produtor rural sul-mato-grossense, o nacionalismo e a soberania nacional. Com o agravamento dos conflitos no seu estado, antevê uma inevitável chacina: “[de] quem vai ser a culpa? De todos nós”, postula. Dará o direito ao produtor rural “de se defender com armas”. Como fechamento dessa fala, acusa a imprensa de olhar para os conflitos rurais no seu Estado de uma “ótica unilateral” e, em contraponto à ótica da mídia, pede que seja exibido no telão da câmara



## Anais de Artigos

### IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

um vídeo amador. Neste vídeo, gravado em um único plano em um celular ou câmera amadora, vemos um homem branco de meia idade deitado no chão, com a cabeça ensanguentada, tentando negociar sua soltura e vida com indígenas. Não se vê os índios, mas sabe-se, pelas vozes, que são no mínimo três, os quais, mesmo mediante a evidente perda de sangue do seu prisioneiro, permanece impassível em mantê-lo preso. O desfecho da história, que extrapola o vídeo, é a morte desse homem que André Puccinelli apresenta como pequeno proprietário rural e policial aposentado.

Logo após essas imagens, depois de um corte no documentário, vemos o diretor Carelli dirigindo-se ao acampamento de Itaã para compreender o contexto daquela gravação a qual, como informa na narração, foi compartilhada milhares de vezes nas redes sociais sob o título de “índios assassinos”. O diretor comenta também que “50 lideranças [indígenas] foram assassinadas nos últimos 30 anos, enquanto 3 policiais foram mortos no mesmo período”, ressaltando o diferencial uso da violência nessa disputa. Após a chegada de Carelli, um grupo de índios caminha com o cineasta até o local do confronto, enquanto relatam para a câmera que duas pessoas foram alvejadas pelo ex-policial morto, que adentrou o território indígena atirando com um revólver contra um grupo de pessoas. “Ele veio pro meu lado dizendo que ia matar todo mundo. Me falou tanta coisa... Me xingava de vadia, biscate. Falou muita besteira apontando a arma pra mim”, diz uma mulher que teve um dedo acertado. O conjunto de depoimentos colhidos nesta cena caracteriza o episódio que resultou no óbito do policial aposentado como legítima defesa por parte dos indígenas, já que, como um dos depoentes alega: “ele ia matar seis muié”.

Essa cena fecha a sequência do filme, situada aproximadamente entre os 55 e 75 minutos do longa-metragem, que propusemo-nos a analisar. A sequência sintetiza, através de uma montagem que suscita o contraste entre duas visões de mundo, uma das declaradas intenções do diretor com o documentário (Carelli, 2017):

desconstruir o discurso ruralista (...) Este foi o foco da construção da narrativa (...) *Martírio* ilustra também uma das questões-chaves da condição indígena neste momento do país, e põe em cena os dois pólos do conflito: os índios e a atual classe política brasileira, mais precisamente aquela que representa os ruralistas.



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

Ao longo desses 20 minutos, o documentário evoca e interpreta outros materiais midiáticos, em outros suportes: a carta, o arquivo da TV Senado, o vídeo amador disponível no Youtube. Acionando esse circuito, o contraste construído pelo diretor contrapõe a versão oficial dos acontecimentos às vozes Guarani Kaiowá, historicamente menos presentes nas mídias. A inovação social no entorno desse filme e do projeto *Video nas Aldeias* situa-se, portanto, não em um mero integracionismo dos grupos indígenas como consumidores passivos nas lógicas sócio-técnicas ocidentalizadas, mas em facilitar a participação desse grupo como enunciatário de perspectivas outrora inacessíveis na ambiência midiática. Para tanto, o diretor não apenas lança mão de um repertório intertextual, mas assume uma posição intercultural. Carelli, francês naturalizado brasileiro, antropólogo, media o mundo indígena com o mundo não-indígena. Passeia geográfica e epistemologicamente entre esses mundos. E constrói um diálogo entre esses mundos ao trazer os indígenas a falarem conosco, o seu público, com o público dos festivais de cinema, das redes sociais e dos outros espaços de circulação que o documentário puder alcançar.

### 3. A distribuição e o circuito do filme

Como demonstrado a partir da análise fílmica e de uma entrevista com Vincent Carelli (2017), *Martírio* aposta em valorizar a perspectiva indígena em um País onde a bancada ruralista é uma das mais expressivas no congresso, e onde o agronegócio é um bastião da economia, com grande influência sobre a mídia tradicional. Se a narrativa do filme insiste nas ligações entre agronegócio e Estado brasileiro, as ligações entre mídia e agronegócio também saltam aos olhos se olharmos para além do referido documentário; por exemplo, com a campanha da Rede Globo “Agro, a Indústria-Riqueza do Brasil”, mais conhecida pelo bordão “agro é pop, agro é tech, agro é tudo”, que vem ocupando por anos os diversos canais da companhia, quer seja na televisão, na internet ou em outros meios. Qual o poder de circulação de um documentário de baixo-orçamento que se propõe a enunciar nas mídias um discurso diferente daquele endossado por um setor



## Anais de Artigos

### IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

economicamente tão importante e salvaguardado tanto pela maioria da classe política quanto pelas maiores corporações midiáticas?

Na sua estreia em 2016 no 49º Festival de Brasília de Cinema Brasileiro, *Martírio* recebeu o Prêmio Especial do Júri Oficial, o prêmio de Melhor Longa do Público e Prêmio do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro. O crítico de cinema Luis Oricchio, na ocasião, constatou que o filme “recebeu [do público] uma consagração como havia muito não se assistia no Cine Brasília” (ORICCHIO, 2016), tendo sido notadamente aplaudido por minutos após a exibição. O documentário também logrou o prêmio de Melhor Filme Latino-Americano no Festival de Mar del Plata 2016, o prêmio da crítica no Festival de Cinema do SESC 2018, o troféu para Melhor Documentário no Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte em 2018, o 23º Prêmio Guarani da Academia Guarani de Cinema no ano de 2017, foi considerado o melhor longa-metragem brasileiro exibido em circuito comercial no ano de 2017 pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema, dentre outras consagrações. Por esse filme, o diretor foi homenageado pela 6ª Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental.

O notório reconhecimento da obra entre festivais e especialistas não recorreu nas salas de cinema. Segundo dados do *Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual* (Ancine, 2018), *Martírio* contabilizou um público pagante de 6.396, número muitíssimo modesto em comparação a, por exemplo, *Minha mãe é uma peça 2* (2016, de César Rodrigues), que fechou 2017 com 5,2 milhões de ingressos vendidos. Dito isso, os dados oficiais da Ancine ignoram exhibições gratuitas de todos os gêneros. *Martírio* circulou e circula por meios alternativos: dentro das próprias aldeias, em mostras, no Facebook da *Mídia Ninja*, através de alugueis no site do *Vídeo nas Aldeias*, no Youtube, dentre outras formas.

Para além da consagração, distribuição e circulação do filme, interessa atentar para os seus circuitos<sup>7</sup>, ou seja, as ações que suscita, para além da sua materialidade. No

---

<sup>7</sup> A respeito dos *circuitos*, para Braga (2017, p. 48) “(...) o produto ocupa um lugar especial por sua materialidade e consequente facilidade de captura para observação e inferências. Mas, apesar dessa



## Anais de Artigos

# IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

IMDB, rede social de cinefilia e avaliação de filmes, *Martírio* não teve nenhuma avaliação nota 1 ou 2, e a maior parte de suas avaliações foram 10 (*Martírio*, 2021), a nota máxima.

Essa recepção amigável, contudo, conta com 171 votos (1º de março de 2021), interação tímida para os padrões da rede. A partir do filme tecem-se uma série de outros textos, que referem diretamente ao longa-metragem ou não — como a referida campanha da Rede Globo —, mas que tecem um *circuito*, que emerge se observarmos a mídia como um *campo* de disputa por legitimidade político-midiática. Apesar da dificuldade de captura de todo esse circuito — que começa antes mesmo do longa-metragem, já que, consoante o demonstrado nos tópicos anteriores, *Martírio* se tece a partir de outros materiais de arquivo —, uma análise da luta indígena por direito à terra após o lançamento de *Martírio* em 2016 parece indicar uma freada nas demarcações de territórios indígenas.

A ambiência midiática, usada como instrumento e meio de denúncia do genocídio sofrido pelos indígenas no longa-metragem, é agenciada também em outros momentos a fim de reproduzir a desigualdade e desinformação que alimenta esse genocídio, como podemos perceber pelo vídeo nas redes sociais ao qual alude o ex-governador do Mato Grosso do Sul, André Puccinelli; ou mesmo pensando o silenciamento político e midiático no entorno da demarcação dos territórios indígenas, que se estende pelo menos desde o governo Dilma Rousseff (PT-RS), época em que o filme era finalizado. A referida campanha do agronegócio que vem há anos sendo veiculada na Rede Globo também é um sintoma da busca de parte influente do poder econômico brasileiro pelo apagamento das perspectivas indígenas: ao enunciar que “agro é pop”, fica a sugestão de que as formas tradicionais de lidar com a terra estariam alocadas na impopularidade; ao enunciar que “agro é tudo”, resta a questão de qual espaço restaria para as áreas de proteção ambiental, para as terras e formas de vida indígenas.

---

especificidade, o produto não é “o objeto inicial” de um percurso a ser seguido. Seria antes um “momento” (particularmente feliz por sua materialização) de um circuito que começa antes e continua depois (...).<sup>13</sup>



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

### Conclusões

O documentário *Martírio* toma parte em uma disputa social e simbólica em curso. Uma análise das disputas midiáticas entre Guarani Kaiowá e fazendeiros no interior do filme e a partir dele pode nos aproximar da compreensão do conflito que motiva o documentário e no qual ele se insere; bem como ajudar a compor respostas à questão de Gomes (2016) enunciada na introdução do texto, à respeito da localização das diferenças no processo “global” de midiatização. De maneira complementar a essa questão, observada a disparidade de forças em conflito, nos deparamos também com a seguinte pergunta: seria possível a perspectiva indígena se fazer ver na ambiência midiática frente a ofuscante e capitalizada lógica massiva?

Suas estratégias de difusão extrapolam as salas de cinema e festivais, agenciando mostras diversas, distribuição gratuita nas mídias sociais e paga *on demand*, dentre outras formas participação em mostras, debates, cineclubes, articulação com movimentos sociais e pontos de cultura, etc. A web, que figura como plataforma de hospedagem do filme, também é referida na narrativa quando ela faz menção à difusão da carta escrita pelos Guarani Kaiowá em 2012, que deu visibilidade à sua causa e chamou a atenção da mídia corporativa, de diversos usuários do Facebook no Brasil e do poder público. Ao longo do filme, a narrativa mescla filmagens originais com materiais de arquivo como cinejornais, televisão, vídeos da web. Assistimos, em imagens de uma sessão da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária em 2013, a projeção de um vídeo veiculado nas redes sociais sob o título de “índios assassinos”, cuja instrumentalização política buscou responder àqueles sensibilizados pela repercussão midiática da violência contra indígenas no Mato Grosso do Sul em 2012.

Ao mesmo tempo em que o filme propicia certa visibilidade e difusão midiática da perspectiva Guarani Kaiowá na busca pela demarcação de seus territórios, a mídia hegemônica e o poder político ruralista vêm valorizando simbolicamente o agronegócio ainda mais ativamente do que em 2016, ano de lançamento do documentário de Vincent Carelli. A ambiência midiática, que agora atualiza e contextualiza esse conflito social tão



## Anais de Artigos

### IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

desigual e longo, se compõe de assimetrias no direito à enunciação, que re-inscrevem a perspectiva Kaiowá em uma posição subalterna em termos de visibilidade. Assim, ainda que a internet e a relação transmidiática entre textos e narrativas aconteçam em uma velocidade de conectividade e difusão quase instantânea, suas reverberações são diferenciais. Ainda que a existência de um filme que se interesse pela perspectiva indígena aponte para a expansão do alcance dos meios de comunicação – quer seja pela expansão dos discursos dentre os meios, quer seja pela assimilação desses corpos outrora estrangeiros, os indígenas –, tal expansão não prescinde de desnivelamentos e silenciamentos *a posteriori*. A perspectiva daqueles mais periféricamente incluídos nas interações midiáticas pode ser outra vez particularizada e/ou ignorada por processos e narrativas resposta que se dão também dentro das mídias. Essa diferença de potência é o rastro de uma lógica institucional da mídia, altamente marcada pelas desigualdades constitutivas da sociedade e da economia, que implica em diferentes condições de possibilidade de se fazer ouvir, mesmo nas mídias mais pretensamente horizontais como as redes sociais. Não apenas algumas assimetrias se mantêm no contexto em vias de midiatização, como também esse contexto favorece certas estratégias de manutenção das desigualdades como a desinformação, fruto da veloz conectividade e da profusão no número de emissores<sup>8</sup>.

Logo, o processo de midiatização, ainda que aponte para uma maior difusão e intersecção de meios e mensagens, bem como para a constituição de novas formas de interação e novos sujeitos, não necessariamente redundando na produção de uma ética ou verdade comum – como comentamos na introdução, acerca da visão de Teilhard de Chardin (*apud* GOMES, 2016, p. 4-6) –, mas, ao contrário, atualiza os campos de disputa ética e simbólica. A expansiva cultura das mídias, quando local de conflito político, pode ser entendida como um campo no sentido bourdieusiano (BOURDIEU, 2007), ou seja,

---

<sup>8</sup> Avaliação semelhante dos processos de midiatização foi feita por Bernard Miège (2018, p. 46), que postulou que “uma midiatização avançada da comunicação não contribui necessariamente para o fomento de debates e discussões públicas”, de maneira que (Idem., p. 50) “o aumento da conectividade não acompanha necessariamente a expansão da comunicação nas sociedades”.



## Anais de Artigos

### IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

como um espaço onde o conflito é constitutivo. A postulação de uma civilização unificada a partir das mídias, quer seja hoje ou no futuro, correria o risco de esbarrar em uma teleologia pacificadora, apenas concretizável a partir do apagamento das diferenças. Assim, em nossa interpretação, a midiatização, se é um processo global que conforma uma espécie de identidade entre aqueles que se comunicam nos meios ou para quem os meios comunicam, também é permeada e constituída por diferenças e constituinte de um infindável processo de diferenciação.

Dito isso, uma leitura excessivamente pessimista dos processos de reconhecimento que se dão a partir do filme seria apressada, visto que a midiatização e o conflito aqui comentado são processos não encerrados. Fica em aberto, portanto, quais transformações sociais serão possibilitadas pela inserção de grupos indígenas na ambiência midiática, quais os efeitos da inserção de suas pautas nas disputas que se dão nesses meios, quais experiências de mundo serão possíveis a partir dos modos de acontecimento propiciados por uma sociedade midiatizada e quais os agenciamentos e circuitos que são e serão possibilitados a partir do filme estudado, já que o filme, “consolidado em sua forma que permanece e que se multiplica, na sociedade em midiatização, pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços.” (Braga, 2017, p. 53-4).

### Referências

- ANCINE. Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2017. Online. 2018. ISSN 2358-5536. Acessível em: < <https://bit.ly/37Y3cGq> >. Acesso em 1 mar. 2022.
- BAUDRILLARD, J. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BOURDIEU, P. A Distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007
- BRAGA, J. L. Circuitos de Comunicação. In: Matrizes Interacionais: a comunicação constrói a sociedade. 1. (Org.) José Luiz Braga, [et.al.], ed. Campina Grande: EDUEPB - Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2017. v. 2., p. 43-64.
- BRASIL, A. Retomada: teses sobre o conceito de história. In: Catálogo do Forum.doc. Belo Horizonte: Filmes de Quintal, 2016.





# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

CARELLI, V. Vincent Carelli e o martírio dos Guarani Kaiowá. [Entrevista concedida a] CORDEIRO, Marcelo. Diálogos do Sul. Online. Acessível em: < <https://bit.ly/2YT9QbG> >. 2017. Acesso em 6 fev 2020.

CIMI. Nota sobre o suposto suicídio coletivo dos Kaiowá de Pyelito Kue. Online. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZWjknm>>. Acesso em 26 fev. 2021.

COMOLLI, J.L. O espelho de duas faces. In: YOEL, Gerardo. Pensar o cinema: Imagem, ética e filosofia. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

GOMES, P. G. *Midiatização*: um conceito, múltiplas vozes. Porto Alegre: Revista Famecos, Porto Alegre, v. 23, n. 2. 2016.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15ª. ed, Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-131.

HENN, R. O ciberacontecimento. In: VOGEL, Daisi; MEDITSCH, Eduardo; SILVA, Gislene (org.). *Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 31-48.

ORICCHIO, L.Z. Filme conta a trágica saga dos guarani-kaiowá no Brasil. *Revista Exame*. Online. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZVROq0>>. Acesso em 28 de fev. 2020.

MARTÍRIO. IMDB, 2020. Disponível em: < <https://imdb.to/3idYirn> >. Acesso em: 1 mar. 2021.

MARTÍRIO. Direção: Vincent Carelli, Ernesto de Carvalho e Tatiana Amaral. Pernambuco: Olinda, 2016. Disponível em: < <https://bit.ly/2TQqA0G> >. Acesso em: 6 mar. 2020.

MARTINO, L. M. S. Midiatização, Norte e Sul: pontuações e delineamentos do conceito na pesquisa brasileira e anglo-saxônica. In: FERREIRA, Jairo. et al. (Orgs.) *Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiatização?* 1ª ed. Santa Maria: UFSM. 2018.

MIÈGE, B. Para uma atualização da abordagem da mediatização das ações infocomunicacionais. In: FERREIRA, Jairo. et al. (Orgs.) *Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiatização?* 1ª ed. Santa Maria: UFSM. 2018.

NETO, A. F. Mediação, midiatização: conceitos entre trajetórias, biografias e geografias. In: FERREIRA, Jairo. et al. (Orgs.) *Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiatização?* 1ª ed. Santa Maria: UFSM. 2018.

NETO, A. F. Notas sobre as estratégias de celebração e consagração do jornalismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, a. 5, n. 1, p. 109-121, jan./ jun. 2008.



**Anais de Artigos**  
**IV Seminário Internacional de Pesquisas**  
**em Midiatização e Processos Sociais**

**ISSN 2675-4290**

**Vol. 1, N. 4 (2020)**

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p109/10227>. Acesso em: 20 fev. 2021.

STAM, R. Introdução à teoria do cinema. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

VERÓN, E. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo/ RS: Ed. Unisinos, 2004.